

Desacontecimento como estratégia narrativa para a paz: comunicação intercultural na imprensa paulista contemporânea ¹

Tayane Aida Abib ²

Resumo

Este artigo se dedica a refletir sobre possibilidades de diálogo entre Jornalismo para a Paz e Desacontecimento noticioso, a partir de um mapeamento realizado na imprensa paulista contemporânea tradicional junto aos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, entre os anos de 2015 a 2020. O estudo se organiza em três etapas principais: i) apresentação do Desacontecimento como estratégia narrativa de fatos não-marcados; ii) considerações sobre jornalismo para a paz e interculturalidade; e iii) mapeamento da presença do Desacontecimento nos acervos digitais dos referidos jornais, em vista do objetivo 16 da Agenda 2030 da ONU – Paz, justiça e instituições eficazes. Da amostra coletada, desenvolve-se uma análise interpretativa de dois textos tomados como referenciais para evidenciar as potencialidades de tal estratégia narrativa sentido à paz.

Palavras-chave

Comunicação Intercultural; Jornalismo para a Paz; Desacontecimento; Imprensa paulista.

Introdução

Interessa, neste artigo, discutir possibilidades de coberturas jornalísticas orientadas à paz e sensíveis às problemáticas socioculturais de nosso tempo, tal qual pautado pela Agenda 2030 da ONU, especificamente no objetivo 16 - Paz, justiça e instituições eficazes. A reflexão se articula a partir do escopo teórico do Desacontecimento, que se manifesta, no plano da prática noticiosa, como estratégia narrativa de fatos não-marcados pelos tradicionais critérios de desvio e proeminência social da mídia tradicional, desde uma predileção informativa à cotidianidade de homens e mulheres ordinários (VENTURA; ABIB, 2020).

No que toca à abordagem de conflitos, essa tradicional inclinação informativa se acentua ao focalizar, conforme apontado por Galtung e Ruge (1965), aspectos de violência e rupturas com a realidade estabelecida, bem como de destaque às figuras oficiais envolvidas no

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação Intercultural e Interseccionalidade, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Doutora em Comunicação, Pós-doutoranda em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, tayaneaabib@gmail.com

assunto reportado, quando a angulação poderia estar em promover justiça e movimentos de mudança social. Enquanto matriz jornalística interessada na ordem dos sentidos e resistências do Outro ante às estruturas socioeconômicas impostas, o Desacontecimento desponta como via favorável para tratamento de pautas à luz das indicações de Lynch e McGoldrick (2000): superar a concepção dualística de ‘nós’ contra ‘eles’, dar voz a todas as partes implicadas, abordar os efeitos invisíveis da violência, e abordar os processos de reconstrução e reconciliação dos conflitos.

A fim de investigar os diálogos entre Jornalismo para a paz e Desacontecimento, realiza-se um mapeamento da cobertura noticiosa da imprensa paulista tradicional, nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, entre os anos 2015 a 2020, de modo a identificar textos configurados em dinâmica de Desacontecimento e a versar sobre temáticas de conflito, direitos humanos e interculturalidade. Em complemento à pesquisa exploratória, desenvolve-se uma análise interpretativa de duas reportagens tomadas como representativas da dinâmica do Desacontecimento sentido à paz. Espera-se, com o estudo, contribuir com a reflexão sobre dimensões práticas e teóricas da Comunicação Intercultural.

1. Desacontecimento e narrativa jornalística

Em uma primeira aproximação com a noção fundante deste estudo, é importante situar o lugar epistemológico da reflexão sobre o Desacontecimento. O termo aporta, desde o sentido provocativo de seu prefixo latino, ideias de negação e de oposição para com o escopo que constitui a matéria-prima noticiosa, e conduz o pensamento a ponderar sobre possibilidades de uma feitura informativa outra, à revelia do *newsmaking* historicamente construído pela comunidade profissional. Seu âmbito investigativo se concentra, por isso, nas Teorias do Jornalismo, especificamente em interface com a perspectiva interacionista e as dinâmicas produtivas que foram conformadas em termos de cultura jornalística, buscando pontos de inflexão para uma processualidade noticiosa divergente. Suas discussões empreendem problematizações sobre a ordem dos fatos reportados pelos meios, em vertente que abrange os saberes mobilizados pelos jornalistas no exercício rotineiro de suas atividades e sua responsabilidade no tecido social.

Enquanto artefato da modernidade, a notícia se estabeleceu na complexa relação entre os polos econômico e simbólico de um campo em profissionalização (TRAQUINA, 2005; SCHUDSON, 1989; CHALABY, 1998), que por um lado precisava de envergadura comercial para se afirmar como empresa lucrativa, tendo a informação como mercadoria e os leitores

como público-consumidor, e por outro almejava assentar sua existência e credibilidade em compasso com valores democráticos, por representações que até hoje pairam sobre o imaginário social, de uma imprensa como porta-voz da opinião pública, defensora da liberdade e da independência e vigia dos poderes instituídos. Neste plano de disputas entre necessidades e interesses da profissão, alojaram-se as competências culturais do jornalismo como comunidade interpretativa (ZELIZER, 2000), no que toca à partilha de convenções perceptivas e avaliativas entre o grupo, para sua lida permanente com um fluxo de ocorrências de difícil controle. Uma sistemática produtiva se constituiu, assim, na esteira dos constrangimentos internos e externos de uma atividade institucionalizada, para orientar uma seletividade noticiosa da cena pública em função de um mapa cognitivo que, conforme estudos da área (GALTUNG e RUGE, 1965; SHOEMAKER e REESE, 1996; GANS, 2004), privilegia as dimensões de desvio e proeminência social dos fatos.

A obra de Muniz Sodré (2009, p.71) é referencial para a compreensão deste processo: diz o autor brasileiro que os jornalistas partem do “fato em bruto, ou das qualidades indiferenciadas de um evento, para transformá-lo em ‘acontecimento’, por meio da interpretação em que implica a ‘notícia’”. O relato noticioso, acrescenta, é o desdobramento ou “a ampliação dos fatos sociais segundo parâmetros jornalísticos de tratamento que comportam apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos” (SODRÉ, 2009, p. 72). Em outras palavras, e para demarcar a acepção elegida nesta pesquisa, a notícia é a construção do acontecimento de acordo com o conjunto de convenções que estruturam o campo jornalístico; uma micronarrativa que resulta da processualidade do fato em acontecimento, no qual o acontecimento se torna esse escopo-central a carregar, em sua configuração, a semântica do exercício de informar.

Desde aí, o ponto-chave que se coloca para a reflexão acerca de modos distintos de noticiar, a partir de uma noção de Desacontecimento, é exatamente a interrogante sobre o trabalho de ordenamento de sentidos ao qual se dedica o sujeito-jornalista na relação com o mundo fenomenal. Cabe evidenciar como a lógica do acontecimento se associa à de impacto sensorial, ou a um caráter de saliência frente a aparente uniformidade em que se vive (RODRIGUES, 1999; MARTINI, 2000), e como, assim operando, descarta os aspectos de regularidade e permanência que também envolvem a narrativa social.

Nesta linha, Márcia Benetti (2004) adverte para os riscos de silenciamento que, desde a visada do jornalismo como acontecimento, reside nas angulações e vozes que sua cobertura marginaliza, por um regime discursivo que acaba por gerar, indiretamente, um senso de conformismo coletivo. Resulta inevitável depreender que, enquanto uma escolha, o

acontecimento-notícia é também uma omissão. “Toda forma de ver é uma forma de ocultar”, pontua Alsina (2005, p. 127, tradução nossa), e é precisamente as camadas de vida e mundo desprezados, ou deixados à sombra, pelo recorte jornalístico que movimentam, há oito anos, a postura investigativa desta pesquisadora. Pelo escopo do Desacontecimento, tem sido possível tratar de possibilidades de contraposição ao trabalho de significação da noticiabilidade hegemônica, através de uma ênfase a estratégias de narração orientadas aos fatos não-marcados pelo tinteiro dos critérios convencionais, centrados naquelas dimensões rasamente percebidas como ordinárias ou comuns.

Adiante, detalha-se a processualidade jornalística que constitui a semântica do Desacontecimento.

1.1 Desacontecimento e cotidianidade

A matéria-prima noticiosa se compreende, tal qual outrora situado, como constructo profissional (ROSHCO, 1975; TUCHMAN, 1978) que, em correspondência a demandas organizacionais e expectativas públicas, privilegia um modo de perceber e conhecer a história através de seus aspectos irruptivos ou de associação a figuras de poder. O Desacontecimento, ao questionar a marcação dos fatos que logram a agenda midiática, e pública, abala a sistemática da noticiabilidade hegemônica e estabelece um domínio de discordância, de insatisfação entre sua pauta e os critérios tradicionalmente elegidos pela instância produtiva para reportar as ocorrências. Configura uma cena cognitiva outra, à sombra da desordem aparente, e que se dispõe pela rítmica do espaço-tempo vivido. Insere-se nas margens negligenciadas de protagonismo coletivo e informativo, pelas camadas secundárias dos fenômenos sociais, assim centrando predileção noticiosa à cotidianidade do homem ordinário.

Com isso, quer-se dizer que a abordagem do Desacontecimento busca a dinâmica do comum, no compasso dos movimentos rotineiros que orientam e conferem significado à existência, individual e coletiva. Em ordem das rupturas, as continuidades; em ordem do notório, o anonimato. A cotidianidade se inscreve, pela mirada do Desacontecimento, como território por excelência para as coberturas informativas, desde seus rearranjos em chave de criação e recriação de sentidos. Aqui, duas perspectivas teóricas, a partir de Josep Maria Esquirol (2009, 2015) e Michel de Certeau (1994, 1996), contribuem, em plano dialógico, para uma tal compreensão: o filósofo catalão por sua ênfase a recorrência dos dias enquanto resistência íntima, e o historiador francês por sua percepção do ordinário como prática do singular insinuada em astúcias e táticas sutis.

Em Esquirol (2009), a circularidade dos dias se define, por um lado, como um dinamismo das ações com pouco desgaste de energia e, por outro, como apoio e segurança aos indivíduos ante às intempéries diversas: enquanto hábito, trata-se de uma maneira continuada ou regular de se fazer próprio, não em termos de posse, e sim como uma forma de ser, que se associa à ideia de habitação, de um ambiente que se faz familiar. Desde aí, a cotidianidade é o que torna a vida um abrigo, porque, em partitura de previsão e de reinício, entrega à intimidade um movimento orientador. “Resistimos porque la vulnerabilidad amparada es capaz de madurar, de crear y de dar [...]. La génesis se da sobre todo allí donde la vida personal late y circula con intensidad; allí donde la vida se siente; allí donde la vida se ilumina”, escreve (ESQUIROL, 2015, p.08-09). A resistência pelo cotidiano de que fala o autor é da ordem dos sentidos que os indivíduos estabelecem com o entorno, da vitalidade subjetiva que se edifica como refúgio diante de processos de desintegração da realidade coletiva.

Em Certeau (1994), o território pessoal é onde o homem ordinário inventa modos de fazer, “por mil maneiras de caça não autorizada” (p.38), para alterar o funcionamento das estruturas tecnocráticas e subverter seu estatuto de dominado. É espaço de embates e trocas sociais, de uma “ética da tenacidade” (p. 20) para apropriações outras, tênues, astuciosas, quase invisíveis, dos produtos impostos pelo sistema econômico vigente. Cremilda Medina (2014, p. 83), em um neologismo muito à brasileira, designa de *sevirol* um tal gesto permanente de criação intuitiva, “o verdadeiro milagre da vida apesar de tudo”, que mobiliza os indivíduos em suas dinâmicas cotidianas. O vivido é assumido, nesta linha, enquanto espaço-tempo que constitui os sujeitos na rítmica de um existir também social, político, via articulações antidisciplinares que tensionam as lógicas sociais postas.

Destaca-se, por isso, que a regularidade que, à primeira vista, é repetição inócua da leva dos dias, ao Desacontecimento é o fluxo sempre adiante, de homens e mulheres comuns, na lida possível com a realidade que lhes chega. Pela noticiabilidade do cotidiano, desde essas acepções, o Desacontecimento se aproxima dos enfrentamentos, cálidos, diminutos e sempre densos em sentido, que cada um realiza para permanecer, e se virar, em âmbito íntimo e de convivência coletiva. Sob esta posição propositiva, o Desacontecimento não se aparta das ocorrências generalistas da vida local, nacional e internacional, mas demarca, antes, a cotidianidade como *locus* favorável para uma abordagem jornalística interessada em apreender a dimensão do ordinário, das resistências e criações sutis que atravessam as relações humanas e os entornos.

Enquanto código de produção à revelia, é importante ainda frisar, a noção de Desacontecimento não se encerra na discussão sobre uma noticiabilidade não-marcada pelos tradicionais critérios, mas comporta em sua configuração uma processualidade complexa, que envolve a cadência de saberes específicos desde o reconhecimento da pauta da cotidianidade a dispositivos narrativos também distintos, à contrapelo da modelagem positivista que perpassa o campo jornalístico (MEDINA, 2008). O relato das vivências ordinárias em suas significâncias diminutas depende de expedientes de captação sensíveis à irradiação dos detalhes, à compreensão da alteridade em suas rotinas transformadas – e transformadoras.

Pelas vias da intersubjetividade (MARCONDES FILHO, 2013; WOLTON, 2004), as técnicas de apuração e entrevista que se conformaram por gramáticas funcionalistas, na esteira do tom pragmático dos discursos de atualidade do jornalismo, podem se reconfigurar em movimentos de aproximação e diálogo com os contextos e atores sociais reportados. O Desacontecimento tem mais chances de se concretizar em signo da relação terno, que fende as cenas e cenários a vivências partilhadas em atenção e escuta, e que dinamiza a ordem do comum por conjunções da oralidade, do tátil e do olfato colhidos na esfera de um “entre” (VENTURA e ABIB, 2019, 2020). O dialógico e o compreensivo que constituem o aparato narrativo do Desacontecimento versam sobre uma abertura aos afetos e às afetações, sobre um *ser-com*, preservando-se os contornos da alteridade do Outro e em face mesmo dos desafios das relações midiaticizadas (VENTURA e ABIB, 2021).

Por isso, também, não há como delimitar formas estéticas à sua escritura em termos de estrutura composicional. O Desacontecimento rearranja padrões redacionais em razão da assinatura criativa construída pelo jornalista em campo, como experimento narrativo de seus trânsitos junto aos fatos e sujeitos ordinários. Narração e descrição tomam os contornos heterogêneos de um aqui-e-agora, que desafia os profissionais a encontrarem o ritmo das histórias pelo que vivenciam em observação atenta e relação. A costura textual é arremate que resulta de experiência e intuição, na exposição contínua com o protagonismo social. Desde aí, o Desacontecimento hibridiza, conforme as demandas da pauta, recursos narrativos de feição ora mais descritiva, ora mais interpretativa, em consideração aos sentidos interacionais que permeiam a dimensão entre-sujeitos e da sintaxe discursiva. A forma textual não se lapida em si mesma, como abstração ou intento último do relato, mas é componente vinculada à experiência do desacontecer nos registros jornalísticos.

2. Jornalismo para a paz na imprensa contemporânea: mapeamento exploratório

A dimensão da violência atravessa os discursos e as abordagens jornalísticas hegemônicas. No início dos anos 1960, Johan Galtung e Mari Hauge já sublinhavam, em investigação publicada na revista *Journal of Peace Research*, a negatividade como um dos fatores que permitem entender por quê um fato ganha estatuto noticioso na cobertura internacional. O estudo *The structure of foreign news*, de 1965, analisa o trabalho editorial desenvolvido em quatro diários noruegueses acerca das crises desencadeadas no Congo, em Cuba e Chipre naquele período, destacando duas conclusões importantes para este nosso capítulo: os atos de violência se convertem em acontecimentos noticiáveis em si mesmos, e quanto menor o ranking de uma nação, mais negativas serão as notícias sobre a mesma. As escolhas jornalísticas, demarcadamente não arbitrárias (SHOEMAKER, 2006; CHARAUDEAU, 2009; TRAQUINA, 2005), tendem a um grau de dramatização ao apelar aos confrontos diretos, à criminalidade e aos acidentes, “causando ou indiferença ante à dor alheia, ou um impulso irracional de ajudar de qualquer maneira e de modo urgente” (GIRÓ; FARRERA; CARRERA, 2014, p.59, tradução nossa), quando deveriam operar para construir a paz, buscando as soluções mais justas possíveis – em favor dos que padecem discriminações e explorações – e com o menor sofrimento possível.

Essa é a mudança de perspectiva que propõe o campo de estudos da Comunicação para uma Cultura de Paz, em seu horizonte específico sobre a prática jornalística: que as informações midiáticas que tratam de realidades de conflito, “como se fossem reality shows” (GUZMÁN, 2001, p. 29, tradução nossa), rompam com uma atuação de “apenas promover uma pseudo-paz de emoções” (idem), e assumam a responsabilidade de preocupar-se para que a repercussão dos conflitos favoreça a paz. A discussão que figura como pano de fundo, deste modo, é a de uma tomada de consciência dos profissionais sobre a necessidade de se avançar de um modelo informativo reducionista, permeado por aspectos de violência, a um jornalismo, conforme Alberto Piris (2000, p. 354, tradução nossa), “que permita compreender as origens das crises, situá-las em seu verdadeiro âmbito e estender na opinião pública a ideia de que essas podem ser controladas, inclusive antes de que explodam, se lhes forem dedicadas a atenção e os meios necessários”.

Trata-se de uma reflexão que questiona os termos sobre os quais os conflitos são frequentemente concebidos e representados, e que assinala, assim, a importância de se empreender tratamentos narrativos distintos, a partir da conjugação de quatro condutas principais, aludindo à Jake Lynch e Annabel McGoldrick (2000): superar a concepção dualística de ‘nós’ contra ‘eles’, dar voz a todas as partes implicadas, abordar os efeitos invisíveis da violência, e abordar os processos de reconstrução e reconciliação dos conflitos.

A primeira atitude se refere à tendência a reduzir, simplificar e generalizar as realidades, eliminando os matizes na abordagem contextual e humana, que por vezes predominam na cobertura jornalística de conflitos, e que acabam por fomentar uma comunicação egocêntrica, tal qual pontua Fisas (1987, p. 198, tradução nossa), “benéfica com a política interior e crítica em relação a de outros países e grupos”. Incorre, ademais, em preconceitos, estereótipos e relações de inimizade, que derivam facilmente em emoções negativas e hostis, e que podem se converter em elemento de uso político, produzindo tensões ou intensificando conflitos já existentes.

Escutar todas as partes implicadas no conflito, o segundo posicionamento fundante de uma prática jornalística orientada para a paz, associa-se à conduta de romper com um tal maniqueísmo na medida em que, ao promover o diálogo com os envolvidos, não apenas amplia a compreensão sobre a realidade dos diversos atores do conflito, como também os humaniza. Neste sentido, uma inclinação narrativa à cotidianidade dos anônimos pode cumprir um papel importante, na tessitura de relações de identificação entre o público e os personagens, sob a estratégia de enquadrar o que todos temos em comum. Visibilizar outras perspectivas sobre a informação reportada desde o local, por um protagonismo conferido às vidas marginalizadas pelo interesse público e midiático, permite também traçar conexões de micro realidades a problemáticas globais – abordagens transversais, por assim dizer, que dão forma a conteúdos com profundidade e contextualização, em consonância à própria complexidade estrutural dos conflitos. Por isso, a referência aos aspectos invisíveis da violência é tão importante para coberturas noticiosas de paz: abre vias para se inscrever os fatos na história que os precede.

Como explica Galtung (1996), a ênfase do tratamento midiático deve centrar-se em descobrir os porquês das enfermidades, e não em detalhar os sintomas, de modo que o encaminhamento informativo vá além do evidente e da mera descrição, aportando dados relevantes para a compreensão dos fatores em disputa nos cenários reportados – a violência estrutural do sistema internacional, por exemplo, que se manifesta na exploração de recursos dos países periféricos ou na venda de armas leves. Uma maior atenção aos processos, e não aos acontecimentos, podemos assim resumir o terceiro ponto de destaque no âmbito das dinâmicas orientadas para a paz. Por fim, como o que está em jogo neste campo de estudos é a promoção da justiça social – por uma luta eficaz em favor dos direitos humanos –, é necessário refletir sobre a importância de os discursos indignarem e sensibilizarem a cidadania sobre as realidades de exclusão, motivando-as, sobretudo, à ação e à participação em movimentos de mudança social.

Os Estudos para a Paz se caracterizam por assumir um compromisso claro sentido a não-violência (direta, estrutural e cultural³), cobrando, portanto, do jornalismo um posicionamento para a transformação criativa dos conflitos – desde os seus processos de reconstrução e reconciliação.

Cabe, assim, em uma aproximação do Jornalismo para a Paz com o escopo do Desacontecimento, considerar as potencialidades de tal estratégia narrativa diante dos desafios contemporâneos de Comunicação Intercultural. A fim de investigar esses diálogos possíveis, realiza-se um mapeamento da cobertura noticiosa da imprensa paulista tradicional, a saber, dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, entre os anos 2015 a 2020, de modo a identificar textos configurados em dinâmica de Desacontecimento e a versar sobre temáticas de interculturalidade.

Em termos de categorização analítica, define-se por horizonte elucidativo a Agenda 2030 da ONU no Brasil, que reúne um plano de ação global com 17 objetivos para o desenvolvimento sustentável das nações. Conforme descrito no item 16 – *Paz, justiça e instituições eficazes*, contempla-se o objetivo: “Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis” (ONU, informação digital⁴). Enfoca-se, de modo mais específico, nos subitens: “Promover o Estado de Direito, em nível nacional e internacional, e garantir a igualdade de acesso à justiça para todos”; e “Proteger as liberdades fundamentais, em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais”.

A seguir, apresenta-se em tabela os dados coletados em investigação exploratória, delimitando-se a ordem espaço-temporal das matérias veiculadas nos periódicos selecionados para estudo, bem como a macro categoria de Visibilidade a que se referem – no caso, da ordem de Migrações, Direitos Humanos e Popular.

Estadão – 2015 a 2020

DATA mm-dd-aa	EDITORIA /paginação	MATÉRIA	VISIBILIDADES
------------------	------------------------	---------	---------------

³ “Por trás de tudo isso está a violência cultural: no simbólico, na religião e na ideologia, na linguagem e na arte, na ciência e no direito, na mídia e na educação. Sua função é bastante simples: legitimar a violência direta e estrutural” (GALTUNG, 1996, p. 02, tradução nossa).

⁴ Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/16>>. Acesso em: 16 janeiro 2023.

02-21-16	Aliás/ E4	Serenidade no caos	Migrações
04-19-16	Metrópole/ A17	Mães angolanas buscam SP e obrigam Prefeitura a criar abrigo de emergência	Migrações
10-16-16	Metrópole/A2 4	A história de quem nasce sem direito a ter uma pátria	Migrações
09-09-18	Metrópole/ A18	Refugiado, juiz luta para reconstruir vida no país	Migrações
09-20-20	Internacional/ A11	Imigrantes temem novo fluxo na fronteira	Migrações

Fonte: Elaboração própria (2023)

Folha – 2015 a 2020

DATA mm-dd-aa	EDITORIA /paginação	MATÉRIA	VISIBILIDADES
01-18-15	Mundo/ A16	Adeus às armas	Direitos Humanos
01-19-15	Mundo/ A10	Garoto Guerrilheiro	Direitos Humanos
04-21-15	Mundo/ A9	Marcha, Palhaço	Migrações
05-21-15	Cotidiano/ B8	Périplo de um imigrante	Migrações

05-24-15	Mundo/ A19	Soldado aos 11	Diretos Humanos
09-18-16	Mundo/ A12	Sem a presença do Estado, migrantes organizam campo	Migrações
08-20-18	Mundo/ A19	Artista israelense faz ‘mosaico da paz’ na fronteira com a faixa de Gaza	Popular
10-21-18	Mundo/ A18	Ex-combatentes das Farc tentam reconstruir suas vidas pós-guerrilha	Direitos humanos
10-15-19	Mundo/ A14 e A15	O que os imigrantes de São Paulo têm a dizer?	Migrações
12-18-19	Mundo/ A24	Brasileiros adotam imigrantes e viram sua segunda família	Migrações

Fonte: Elaboração própria (2023)

Em aprofundamento reflexivo à proposta que orienta a presente pesquisa, realiza-se uma análise interpretativa de textos tomados como exemplares das visibilidades tecidas pelos fatos não-marcados, dentre a amostra coletada em estudo exploratório, para verificação das potencialidades dos métodos narrativos do Desacontecimento no tratamento informativo sobre as problemáticas indicadas na Agenda 2030 da ONU e abarcadas no horizonte do Jornalismo para a Paz. São eles: “Refugiado, juiz luta para reconstruir vida no país”, publicado em nove de setembro de 2018, no caderno Metrópole, do jornal *O Estado de São Paulo*, e “Adeus às armas”, veiculado em 18 de janeiro de 2015, no caderno Mundo, do jornal *Folha de São Paulo*.

2.1 Desacontecimento e Agenda 2030 da ONU: análise interpretativa

Conforme indicado anteriormente, a noticiabilidade do Desacontecimento centraliza interesse nos movimentos de resistência do humano pelos diminutos. Busca, nos relatos que tece, a superfície de enfrentamentos cotidianos nem sempre aparente pela marcação midiática tradicional, já que manifesta pela ordem dos sentidos que se constrói em via íntima ou coletiva pelos atores sociais. A temática das migrações, dentro do escopo delineado pelo Jornalismo para a Paz e considerando-se a importância da pauta para o desenvolvimento sustentável das nações, sob ótica da ONU, desponta com destaque no estudo exploratório realizado junto aos jornais hegemônicos da imprensa paulista: o olhar que busca nos textos veiculados a configuração narrativa do Desacontecimento debruça-se, inevitavelmente, sobre a visibilidade dos deslocamentos populacionais decorrentes de crises diversas.

No que toca ao cenário brasileiro, as fronteiras ao norte do país tem acompanhado em relação estreita a realidade sociopolítica da Venezuela. Fome, escassez de produtos básicos, inflação, desemprego, corrupção, entre outras problemáticas, complexificam uma crise humanitária que já fez migrar mais de 600.000 venezuelanos ao Brasil entre janeiro de 2017 e agosto de 2020, de acordo com dados do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, 2021, informação digital)⁵.

Os números ganham relevo humano pelas histórias de vida registradas em dinâmica de Desacontecimento. Na edição de 09/09/2018 do *Estadão*, a visibilidade do refúgio escapa do aspecto desviante característico à informação convencional para focalizar as lutas diárias de homens e mulheres que percorrem a travessia e se sustentam como podem para transformar a sua própria realidade e a de demais. O texto “Refugiado, juiz luta para reconstruir vida no país”, de autoria de Felipe Resk, conta da vida de Oswaldo José Ponce Pérez, de 52 anos, que se estabeleceu em Boa Vista (RR) após travar cinco anos de uma guerra política com generais e membros do alto escalão dos governos Hugo Chávez e Nicolás Maduro. Vítima de perseguição política por sua recusa, enquanto juiz federal, em desapropriar famílias que viviam em áreas ricas em mineração, respondeu a processo militar, teve o carro incendiado em ataque e o filho assassinado em uma emboscada.

Os contornos dramáticos de seu passado se ressignificam pela estratégia narrativa que busca, a fim de alargar a dimensão do conflito, amplificar as resistências de Pérez para revalidar o diploma em território brasileiro e ajudar outros venezuelanos em condições como

⁵ Disponível em
<https://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/Topics_TIP/Publicacoes/Relatorio_Situacional_Brasil_T4T.pdf>
Acesso em 16 janeiro 2023.

as suas. Destaca, assim, os diminutos de seu cotidiano: trabalho, família e arte, que fundamentam concreta e simbolicamente o curso de sua vida.

No Brasil, virou auxiliar de mecânico em uma oficina. Conta que trabalhava de domingo a domingo, das 7 às 20 horas. “Era sempre assado de panela”. Lá, lavava a oficina, varria o quintal, carregava no braço peças de motor. [...] Nos dois anos seguintes, Pérez, que tem formação em violão clássico e toca harpa, viveu como artista de rua. “Sou agradecido à população de Boa Vista: muita gente me ajudou”, diz ele, que tocava em bares. [...] “Quero prestar concurso para juiz federal e ser útil ao País” (RESK, 2018, p.A18).

Cabe evidenciar como um tal recorte narrativo dialoga com as orientações de Lynch e McGoldrick (2000) acerca de coberturas orientadas para a paz quando trabalha para oferecer escuta às partes implicadas, superar concepções reducionistas e abordar processos de reconstrução e reconciliação dos conflitos. Narrativas centradas em protagonismo humano, mais voltadas ao gestos de enfrentamento do que à violência, favorecem visadas compreensivas sobre os sujeitos e contextos de uma crise humanitária.

Em “Adeus às armas”, matéria de 18/01/2015 do periódico *Folha de São Paulo*, outra realidade latina tem vazão noticiosa: o conflito entre governo e o movimento guerrilheiro paramilitar da Colômbia (FARC), que já feriu mais de 200.000 pessoas e levou ao deslocamento outras seis milhões. Um programa de reintegração de ex-paramilitares e ex-guerrilheiros se visibiliza no texto de Anna Balloussier e Isadora Brant, que concilia Desacontecimento e Jornalismo para a Paz pelo interesse de reportar histórias complexas de vítimas e vitimadores que, após anos de serviço, unem-se para desmobilizar o conflito.

“Você ganha salário mínimo ou está sem trabalho. Eles te oferecem 1,5 milhão de pesos [R\$ 1.650]. E aí? Você vai?”. John William, 40, foi. Sabas Duque, 46, também. Que escolha tinha? “Cresci numa região onde o Estado não era presente e a autoridade eram as Farc”, diz. [...] A luta que travam agora é para serem aceitos por uma sociedade traumatizada por décadas de conflito armado – com rifles empunhados por eles. “Somos vítimas e vitimadores”, diz Sabas, na cadeira de rodas desde 2001, após um de seis tiros disparados por paramilitares lhe atingir a coluna. Uma bala na cabeça tirou 50% de sua audição (BALLOUSSIER; BRANT, 2018, A16).

Sublinha-se como a narrativa, ao se revestir da angulação de Desacontecimento, aciona movimentos de dialogia para acercar-se de diferentes atores sociais, na temporalidade vívida que entrecruza presente, passado e futuro e que, desde a centralidade humana, lança luz à própria complexidade estrutural dos conflitos e ao objetivo de “promover sociedades

pacíficas e inclusivas [...], proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes” (ONU).

O registro do que pensam sobre a guerra os homens implicados em suas organizações conduz a reportagem sentido à humanização dos atores, rompendo com o tradicional esquema dualístico de heróis e vilão que costuma protagonizar a cobertura midiática. Da análise interpretativa pontual desenvolvida neste tópico, portanto, extraímos uma matriz narrativa que aproxima a prática do Desacontecimento ao Jornalismo para a Paz, pela priorização de um modelo jornalístico complexo e orientado às pessoas em sua dinâmica noticiosa.

Considerações finais

Em visada exploratória e de interpretação, a proposta deste artigo foi a de aproximar Desacontecimento e Comunicação Intercultural, pela chave do Jornalismo para a Paz, a partir de mapeamento realizado na imprensa paulista contemporânea, a saber: os jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, entre os anos de 2015 a 2020. Organizamos, neste sentido, o estudo em três etapas: i) apresentação do Desacontecimento como estratégia narrativa de fatos não-marcados; ii) considerações sobre jornalismo para a paz e interculturalidade; e iii) mapeamento da presença do Desacontecimento na imprensa paulista contemporânea, em vista do objetivo 16 da Agenda 2030 da ONU – Paz, justiça e instituições eficazes.

Neste percurso teórico, evidenciamos as potencialidades do Desacontecimento na cobertura de pautas de conflitos, migrações e direitos humanos, especialmente em razão do foco ao protagonismo humano e seus enfrentamentos cotidianos, que alarga a noticiabilidade para além da violência, por um trabalho de diálogo e compreensão contextual junto aos envolvidos – em rupturas com estigmas, maniqueísmos e perspectivas reducionistas sentido à paz.

Da amostra extraída em pesquisa exploratória, selecionou-se dois textos a título de exemplificação do escopo narrativo engendrado pelo Desacontecimento em perspectiva de Jornalismo para a Paz: nota-se o valor à resistência dos diminutos, diante da realidade de crise humanitária dos refugiados venezuelanos em Roraima, assim como uma abertura à escuta de envolvidos em conflitos armados e direitos humanos.

À guisa de conclusões, ainda importa destacar que o Desacontecimento, enquanto prática à revelia, implica, em um nível mais imediato, o sujeito-jornalista e seu ambiente

redacional. Como a posição epistêmica o Desacontecimento não se aparta do campo tradicional de atuação dos meios, mas se configura em razão mesmo das potencialidades e lacunas da composição noticiosa, sua articulação produtiva se realiza por confluências a nível de agenciamento individual e rotina organizacional, isto é, depende do fator humano e de suas moderações criativas em plano de agir profissional. Ainda que fatores ideológicos, políticos e culturais atravessem a processualidade da notícia (SOLOSKI, 1999; GOMES, 2009; HALL, 1999), em determinados contextos até de modo impeditivo, o Desacontecimento envolve um *como* os repórteres se apropriam do quadro de sentidos vigentes ao seu exercício de trabalho, e da própria cultura profissional que lhes rodeia, quer dizer, se administram ou se renovam as convenções estabelecidas.

A assinatura criativa do fazer demanda movimentos de resistência em relação aos padrões constituídos, tanto para as figuras que lidam imediatamente com a pauta, a partir de suas escolhas narrativas, quanto para os agentes de editoria, que podem viabilizar essa dinamicidade na busca por brechas informativas (VENTURA e ABIB, 2020b, 2020d). A complexidade da equação do Desacontecimento, neste sentido, deve considerar as aportações biográficas e profissionais dos atores que a engendram, favorecendo-se de entornos organizacionais que apostam na autonomia das mediações, pela percepção dessas controvérsias de luz e sombras, ou de ruídos e silêncios, que conjugam o real midiático (KÜNSCH, 2005; MEDINA 2006, 2016).

Referências

- BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). **Anais Eletrônicos...** São Paulo: USP, 2004.
- CHALABY, Jean. **The invention of journalism**. London: MacMillan Press, 1998.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ESQUIROL, Josep María. **El respirar de los días**. Barcelona: Paidós, 2009.
- ESQUIROL, Josep María. **La resistencia íntima**: ensayo de una filosofía de la proximidad. Barcelona: Acantilado, 2015.
- FISAS, V. **Introducció a l'estudi de la pau i dels conflictes**. Barcelona: RBA, 1987.
- GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The structure of foreign news. **Journal of Peace Research**, v.2, n.1, p.64-91, 1965.

- GANS, Herbert. **Deciding what is news**. Evanston, IL: Northwestern University Press, 2004.
- GIRÓ, X.; FARRERA, L.; CARRERA, M. Análisis de la cobertura en dos televisiones públicas de la catástrofe humanitaria de Haití. **QUADERNS DEL CAC**, vol. XVII - julio 2014.
- GUZMÁN, V. *Filosofia para hacer las paces*. Barcelona: Icaria, 2001.
- LYNCH, J.; MCGOLDRICK, A. **Peace Journalism – What is it? How to do it?** 2000.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O rosto e a máquina**: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico (Nova Teoria da Comunicação – Volume I) São Paulo: Paulus, 2013.
- MARTINI, Stella. **Periodismo, noticia y noticiabilidad**. Buenos Aires: Editorial Norma, 2000.
- MEDINA, Cremilda. **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.
- PIRIS, A. Un periodismo deseable. In: SÁNCHEZ, G.; LEGUINECHE, M. (Orgs). **Los ojos de la guerra**. Plaza & Janes Editores, 2001.
- ROSHCO, Bernard. **Newsmaking**. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1999.
- SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SHOEMAKER, Pamela. News and newsworthiness: a commentary. **Communications**, v.31, p.105-111, 2006.
- SHOEMAKER, Pamela; REESE, Stephen. **Mediating the Message**: theories of influences on mass media content. Longman Publishers, 1996.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.
- TUCHMAN, Gaye. **Making news**: a study in the construction of the reality. New York, The Free Press, 1978.
- VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. Aproximações à noção de desacontecimento a partir do valor jornalístico da cotidianidade. **Eco-Pós**, v.24, n.2, 2021.
- VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. Entrevista jornalística em vias de compreensão. **Comunicação & Sociedade**, v.42, n.3, 2020.
- VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. Apuração jornalística em vias de ternura. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.16, n.2, 2019.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo 2000**. Lisboa: Relógio d'água, 2000.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Ed. Da UnB, 2004.